

## ABERTURA COM ALGUNS INDÍCIOS

PAULO CASTRO SEIXAS E SÓNIA FERNANDES  
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

O Congresso Internacional de Estudantes de Antropologia realiza-se, na sua 6ª organização, pela primeira vez em Portugal. A Universidade Fernando Pessoa foi proposta e eleita no Congresso anterior, em Santiago de Compostela, como instituição organizadora e a revista *ANTROPOlógicas* aceitou constituir-se em edição especial para receber os textos seleccionados, para publicação, pelo Conselho Científico do Congresso. Nesta 6ª organização do CIEA, apresentam-se 41 comunicações em cinco línguas (Português, Castelhana, Galego, Andaluz e Inglês), correspondentes a 47 oradores provenientes de 23 instituições de Portugal, Espanha e França.

Sendo a primeira vez que em Portugal se realiza um Congresso de Estudantes de Antropologia, *impõe-se* perguntar o que é exactamente um Congresso de Estudantes e o que é que o diferencia dos demais? Antes de mais, a noção de Estudante é aqui tomada no seu sentido vasto, implicando uma amplitude que vai da frequência de uma licenciatura à elaboração de uma tese de doutoramento, o que possibilita estabelecer uma ponte e um diálogo entre aqueles que se iniciam no trabalho antropológico e aqueles outros que levam já alguns anos de trabalho e de escrita na área da Antropologia. Um congresso de Estudantes é, então, mais que um lugar de conclusões e resultados, um lugar de encontros e aprendizagens, de troca, de descoberta e de inventividade. É, pois, um espaço de abertura, em que a Ciência é concebida como uma contínua discussão de ideias em exploração e, neste sentido, é também uma espécie de viagem a um futuro possível dos interesses temáticos

de uma Ciência. Assim, um Congresso de Estudantes constitui-se como um lugar de diálogo intercultural, num espírito de abertura exploratória e projectado para o futuro. Ao ter participantes provenientes de mais de duas dezenas de instituições de três Estados e de várias nações, frequentando diversos graus académicos e enquadrando-se numa amplitude etária que vai dos vinte aos cinquenta, ao mesmo tempo que se faz sem as presenças ofuscantes das *autoridades* do *mainstream* antropológico, o CIEA apresenta-se como esse espaço de abertura que se propõe ser.

Num exercício de antropologia aplicada, entendida aqui como uma gestão dos sentidos culturais que se constroem e jogam no âmbito da produção e divulgação antropológicas, procurou-se a Tensão Essencial entre tradição e inovação que num Congresso destes se joga, sem sucumbirmos ao *aparatus* demasiado instituído da primeira nem subscrevermos a *ausência de regras* para a qual a segunda, por vezes, resvala. Os aspectos fundamentais em que aquela tensão essencial foi aplicada foram os seguintes: a) em primeiro lugar, não se pretendia apenas um Congresso textual, mas sim aberto a outros media e a possíveis intertextualizações e foi neste sentido que se abriu a participação a cartazes/posters, assim como a filmes etnográficos; b) em segundo lugar, considerou-se que era importante não apenas apresentar estudos académicos mas também discutir as possibilidades profissionais da Antropologia num Workshop de Saldas Profissionais; c) em terceiro lugar, considerouse - aliás na continuação do que vem sendo feito em edições anteriores - que os textos deveriam

ser publicados de forma a crivar uma certa expansão de oralidade retórica e também para poderem estar disponíveis à discussão a partir do primeiro dia do congresso; d) finalmente, apesar de se ter aceite todas as comunicações para apresentação oral, só as comunicações que passaram pelos critérios, adaptados às circunstâncias, de um Conselho Científico do Congresso puderam ser publicadas. Com estes *cheks-and-balances* procurou-se salvaguardar a tradição sem hipotecar as possibilidades de inovação e de futuro que um congresso destes pode representar.

É exactamente em relação a esse futuro possível da produção antropológica que pode ser interessante tomar como base exploratória de análise o presente congresso. De facto, e ainda que com algum risco, podemos considerar as 41 comunicações e as 9 temáticas em que elas foram incluídas como pistas para a Antropologia que se vai fazendo ou, pelo menos, de uma forma mais fiável, para a Antropologia que não se vai fazendo.

Um primeiro aspecto que surge como evidente, depois de uma análise das comunicações enviadas, é a ausência de trabalhos sobre culturas não ocidentais, vocação tradicional da Antropologia. Estará a Antropologia condenada a uma definitiva ocidentalização, deixando de ter interesse no estudo de culturas não ocidentais? Terá mesmo deixado de ter interesse nas populações não ocidentais que vivem nas áreas Mediterrânea e Atlântica donde são provenientes os comunicantes? É, aparentemente, essa a conclusão que somos forçados a tirar perante as comunicações apresentadas. Se todos falamos sobre o Ocidente podemos mesmo estar a pôr em causa a Antropologia enquanto ciência baseada no

método comparativo. No entanto, talvez mais grave que isso, este esquecimento das outras culturas, este "voltar a casa" da Antropologia, pode ser também um perigoso voltar-se para dentro do Ocidente, para o qual a Antropologia deve ter um olhar crítico. É claro que a situação de crise, a ânsia com a qual se abraça um emprego, ainda que modesto, e a escassa subsidiação da investigação são razões para a realização de Antropologia em Casa, mas não explicam totalmente o desinteresse pela etnicidade e confronto de culturas que não seja o dos nacionalismos ocidentais...

Um segundo aspecto que aparece como pertinente é que esta auto-Antropologia representada neste CIEA, para lá de ter esquecido as culturas não ocidentais, parece ainda ter menosprezado as sociedades rurais e, sucumbir mesmo a uma espécie de micro-sociologia em que, de facto, a cultura é retratada como um espelho estilhaçado do qual cada antropólogo se serve *à la carte*, procurando num pequeno estilhaço o objecto do seu desejo. É verdade que nem todas as comunicações se inscrevem nesta tendência e algumas há em que se procura contextualizar o objecto de desejo antropológico em quadros de sentido mais vastos como o da nova realidade Europeia. No entanto, na maior parte dos casos, o que o CIEA evidencia é um conjunto de estilhaços culturais da Ibéria que suscitam interesse antropológico e esse é um terceiro aspecto a considerar.

De facto, podemos afirmar que o CIEA se constitui, especificamente, como um Congresso Ibérico de Estudantes. E dizemos Ibérico não apenas em função da origem dos comunicantes mas também porque, ainda que haja comunicações sem uma área de referência (o caso da temática: Teoria e Métodos) e outras

cuja problemática transcende a área geográfica ibérica, a verdade é que todas as demais partem de questões ou observações confinadas à Ibéria. É assim de preocupações de uma Antropologia Ibérica que estamos a falar e é sobre estas preocupações, afinal, que este Congresso nos pode conceder algumas pistas, a partir dos temas propostos, dos temas referidos pelos comunicantes e dos temas de agregação final do Congresso:

O que parece constatar-mos é que a Identidade foi o grande tema através do qual se classificaram os textos apresentados ao CIEA. Ora, a incidência nesta temática como auto-classificação do que produzimos, parece enfatizar ainda mais o argumento de um demasiado autocentramento da Antropologia por parte da nova geração, ao qual devemos estar atentos. A ânsia do efeito de espelho atravessa de facto a maior parte das comunicações apresentadas, mesmo aquelas que se inserem numa temática, aparentemente não directamente relacionada, como "Teoria e Métodos", tornando-se evidente um certo centrar da problemática no subtema dos nacionalismos, por um lado, e no subtema da juventude, por outro. Mas o que surge como elemento de reflexão é de facto, repetimos, a vertente internalista (galegos falam sobre galegos, bascos sobre bascos, andaluzes sobre andaluzes, jovens sobre jovens...) de estudo da identidade por oposição a uma vertente mais externalista que caracterizou durante muito tempo a produção antropológica.

Enfim, nesta auto-Antropologia, internalista e minimalista, (da qual este texto não se exclui) alguns temas parecem surgir como mais propensos à realização da ânsia de espelho. São eles, o dos nacionalismos, o dos museus e património, o das religiosidades, o da juventude e o da comunicação; por fim, e a não menosprezar, nota-se uma necessidade de contextualização (mundos contemporâneos: local e global) e ainda uma evidente necessidade de intervir (Antropologia implicada/aplicada). Ora,

talvez neste conjunto de estilhaços esteja uma agenda antropológica através da qual vamos procurando hoje, nestas antropologias as nossas novas identidades...

Temas propostos	Temas referidos pelos Comunic.	Temas de agregação
Religiosidades	3	4
Museus e Património	4	4
Teoria e Métodos	5	6
Identidades	13	Identidades e Nacionalismos (5) Juventude, Futebol e Identidades (4)
Mundos Contemporâneos	2	Local e Global (4) Retratos Plurais (5) Antropologia Implicada/aplicada (5)
Cultura e Comunicação	3	4
Grupos e Organizações	2	
Processos Migratórios	1	
Antropologia e Géneros	2	
Outros	Antrop. da Arte Antrop. da Saúde	